



Análise Econômica

Cenários frente à pandemia da Covid-19

Edição 6 – Brasília, 07 de maio 2020

INTRODUÇÃO

As primeiras medidas de isolamento social no Brasil foram tomadas no dia 11 de março, no Distrito Federal. De lá para cá todas as unidades da federação decretaram estado de calamidade pública, adotando medidas mais ou menos restritivas de isolamento.

Quase 2 meses depois da adoção das primeiras medidas de isolamento social, que tem [diminuído](#), um estudo da Imperial College de Londres liberado no dia 29 de abril destaca que o Brasil apresenta a mais alta taxa de contágio pelo novo Covid-19 entre 48 países analisados. Dados do estudo, divulgados pelo [Nexo](#), apontam o Brasil como um dos nove países nos quais a epidemia ainda está crescendo e calcula que o número de reprodução do vírus é de 2,8. O índice é o maior entre todos os países analisados e significa que cada infectado transmite a Sars-Cov-2 para cerca de outras 3 pessoas.

Especialistas, temem que o país se torne o novo epicentro da pandemia no mundo. Alguns estados têm tomado medidas mais severas de restrição à circulação de pessoas a fim de evitar o aumento do número de infectados e mortos.

As experiências internacionais têm mostrado que os países estão levando entre 1 e 3 meses para conter o avanço da pandemia e realizar a abertura parcial de suas atividades econômicas. Entretanto, os graves efeitos econômicos relacionados a restrição na circulação de pessoas já são sentidos aqui no Brasil e no Mundo. As medidas de isolamento social provocaram queda no consumo das famílias e nos empregos. Além do mais, houve redução na renda das famílias e liquidez das empresas, comprometendo sua perenidade e sustentabilidade.

Na última edição, mostramos esses efeitos no comércio e nas relações internacionais. Agora, analisamos essa realidade no contexto brasileiro. Discutimos as consequências da pandemia no mercado de trabalho, no consumo das famílias e na economia das regiões do país. Por fim, analisamos as transformações e tendências que já estavam em curso ou foram potencializadas no ambiente de negócios por conta da pandemia. Boa leitura!

CENÁRIO ECONÔMICO

Benefícios econômicos superam os custos do isolamento. Embora as medidas de isolamento social submetam os negócios a diversos desafios, ainda assim é a maneira mais eficaz até o momento para reduzir o número de pessoas infectadas pelo Coronavírus e ao mesmo tempo evitar a degradação da

ANÁLISE ECONÔMICA

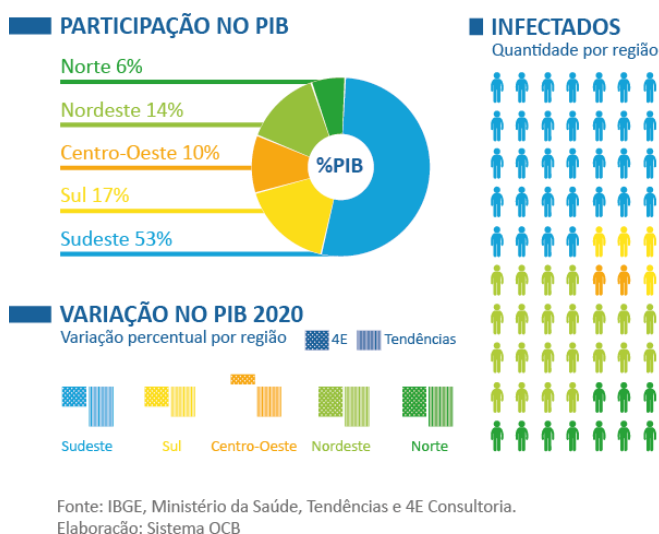
Cenários frente à pandemia da Covid-19

economia. É o que afirma levantamento da [MCM Consultores](#) com base em pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Brasil e China. Isso ocorre porque a redução na velocidade da contaminação da população impede o colapso no sistema de saúde, salvando vidas, mas também reduz os dispêndios com saúde pública. Além disso, as empresas podem manter sua produtividade com menor número de empregados infectados. Mas, usufruir desses benefícios só é possível se o isolamento for seguido com seriedade, caso contrário os números de contágio continuam subindo e a necessidade de medidas mais restritivas vão sendo prolongadas, bem como os efeitos negativos sobre o emprego e a renda.

Impacto econômico por regiões do país.

Quanto aos efeitos da pandemia na economia brasileira, o Banco Central prevê uma queda de 3% no PIB brasileiro. Para o Banco Mundial o cenário seria ainda mais negativo, com redução de 6%. O custo total das medidas tomadas pelo governo para minimizar o impacto da Covid-19 já somam 3% do PIB nacional, segundo a consultoria Prospectiva. Esse percentual pode chegar a 10%, a depender da expansão das medidas. Para eles, caso o governo adote medidas estruturadas de reação no curto prazo será possível manter a previsão de queda de apenas 3% do PIB.

A seguir, apresentamos uma tabela com dados sobre as exportações brasileiras por região no primeiro trimestre de 2020, comparando-os com o mesmo período do ano anterior. Em seguida, preparamos um resumo sobre o desenvolvimento da pandemia, as perspectivas econômicas e os dados de exportação em cada região do Brasil:



EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR REGIÕES (janeiro a março de 2020)

REGIÃO	EXPORTAÇÃO TOTAL em jan/20 (US\$)	EXPORTAÇÃO TOTAL em fev/20 (US\$)	EXPORTAÇÃO TOTAL em mar/20 (US\$)	EXPORTAÇÃO TOTAL 1º trim. 2020 (US\$)	EXPORTAÇÃO TOTAL 1º trim. 2019 (US\$)	TAXA CRESCIMENTO tri 2020/2019 (%)
Sudeste	7.476.404.129	7.987.402.739	9.643.536.274	25.107.343.142	26.029.826.258	↓ -3,54
Sul	2.499.813.487	2.927.453.745	3.644.191.589	9.071.458.821	11.192.649.714	↓ -18,95
Centro-Oeste	1.483.487.953	1.968.010.191	2.663.835.938	6.115.334.082	6.502.176.763	↓ -5,95
Norte	1.782.861.479	1.600.907.854	1.464.602.520	4.848.371.853	3.850.933.692	↑ 25,90
Nordeste	1.275.123.209	1.218.126.231	1.789.974.567	4.283.224.007	3.592.197.455	↑ 19,24

Fonte: ComexStat - Ministério Economia, 2020. Elaboração: Sistema OCB.

Sudeste. A região é uma das mais populosas do Brasil com aproximadamente 89 milhões de habitantes. Como efeito dessa densidade populacional, o Sudeste também concentra a maior parcela da população brasileira atingida pela pandemia. De acordo com levantamento realizado pelo [Ministério da Saúde](#) - MS, até a data de 07 de maio, a Covid-19 já infectou quase 57,4 mil pessoas

ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

que residem na região e o número de óbitos já chega a 4,5 mil pessoas. A região possui 3 estados na lista de prioridades do Ministério da Saúde: São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Esses estados também integram a lista dos estados com maior número de óbitos do país.

Outra característica dessa região é concentrar 53% do PIB brasileiro. O **impacto econômico** no Sudeste deve ser substancial. Segundo projeção mais otimista da 4E Consultores, o PIB do Sudeste deve cair 2,2% em 2020. Já a Tendências Consultoria faz estimativa mais pessimista com queda de 4,3%, justificada pelo impacto da crise em setores como o automotivo, metalúrgico e mineração. Essa diminuição econômica tende a ser puxada por São Paulo e Minas Gerais, principalmente, com taxas negativas do PIB em 5,1% e 4,8% respectivamente, no ano de 2020.

O estado com maior participação nas exportações da região é o estado de São Paulo, seguido por Rio de Janeiro. As exportações de São Paulo somaram US\$ 11,6 bilhões no primeiro trimestre de 2020, representando um recuo de 1,3% com o mesmo período em 2019. Já as exportações de Rio de Janeiro cresceram 4,2% nesse primeiro trimestre de 2020, totalizando quase US\$ 7,1 bilhões.

Sul. Em termos populacionais, a região possui cerca de 30,1 milhões de habitantes e é a terceira região mais populosa do país. Essa relativa baixa densidade populacional aliada à fatores socioeconômicos colaboram com o avanço lento da Covid-19 na região. Dados do governo, até a data de 07 de maio, indicam que pouco mais de 6,5 mil pessoas já foram infectadas e cerca de 250 morreram em decorrência da pandemia. A região, assim como o Centro-Oeste, não possui nenhum estado listado nas prioridades do Ministério da Saúde.

O Sul é a segunda região mais industrializada do Brasil, ficando atrás apenas do Sudeste. Dentre as atividades industriais, se destacam as indústrias siderúrgicas, químicas, de couros, de bebidas, de produtos alimentícios e têxteis. Além desse viés industrial, a região é um importante *player* para a agricultura e pecuária. O **impacto econômico** mais otimista na região, segundo projeções da 4E Consultores, indicam queda do PIB em 2,8% para 2020, já uma visão mais pessimista da Tendências Consultoria prevê queda de 3,7%.

Dentre os estados do Sul, o Paraná é o estado com maior participação nas vendas ao exterior da região, registrando um total exportado de US\$ 3,8 bilhões no primeiro trimestre de 2020. Em seguida, aparecem os estados de Rio Grande do Sul, com US\$ 2,7 bilhões, e Santa Catarina com US\$ 2,5 bilhões exportados de janeiro a março de 2020.

Centro-Oeste. A região é a menos populosa do país com estimativa de 16,5 milhões de habitantes. Quando comparada a outras regiões do Brasil possui uma incidência menor de casos da Covid-19. Segundo mapeamento do [Ministério da Saúde](#), a região já conta com mais de 3,5 mil casos confirmados do coronavírus e pouco mais de 100 mortes. A região não possui nenhum estado na lista de prioridades do Ministério da Saúde.

A economia do Centro-Oeste tem como base a agricultura, a pecuária, o extrativismo mineral e vegetal. As indústrias são pouco expressivas. A região é a única para qual há previsão de **impacto**

ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

econômico positivo de 0,6% do PIB, conforme aponta a 4E. Já a consultoria Tendências indica queda de 3,1%, ainda assim é a região que registrará menor queda no Brasil. As duas consultorias apontam o crescimento do PIB agropecuário como motivo para segurar a economia da região.

Os estados com maior representatividade nas exportações da região são Mato Grosso e Goiás que, juntos, concentram cerca de 83% de participação nas vendas ao exterior da região. No primeiro trimestre de 2020, as exportações do estado de Mato Grosso somaram US\$ 3,6 bilhões, enquanto as exportações de Goiás totalizaram US\$ 1,4 bilhão.

Norte. A região possui 18,6 milhões de habitantes e ocupa o terceiro lugar no número de casos confirmados no Brasil. Segundo dados do Ministério da Saúde, até a data de 07 de maio, já são 19,4 mil pessoas atingidas pela Covid-19 e cerca de 1,2 mil mortes. A região tem 2 estados na lista de prioridades do MS – Amazonas e Pará. No dia 5 de maio também foi decretado “*lock down*” para alguns municípios do Pará. A medida é uma tentativa de frear o aumento no número de casos que vem subindo no estado.

A consultoria Tendências aponta um **impacto econômico** substancial na região, com estimativa de queda de 3,8% do PIB. A 4E, por sua vez, estima uma queda 4,1%, para eles, o Norte será a região mais afetada pela crise. Segundo a 4E, as quedas serão puxadas pela indústria de transformação, que foram fortemente atingidas pela crise e representam 26% do PIB do estado. Já as exportações brasileiras do Norte continuam em alta. O Pará é o estado com maior participação nas exportações da região e, também, registrou crescimento de 26,5% de suas exportações, somando US\$ 3,9 bilhões no primeiro trimestre de 2020.

Nordeste. A região é a segunda mais populosa do país com estimativa de 57,3 milhões de habitantes. O elevado índice populacional tende a favorecer a propagação da Covid-19. De acordo com o Ministério da Saúde, a região já é a segunda maior em número de casos confirmados de Coronavírus. São 38,2 mil pessoas infectadas e 2,4 mil mortes. Além disso, 4 estados estão na lista de prioridades do Ministério da Saúde – Ceará, Pernambuco, Bahia e Maranhão. Este último sendo o primeiro estado do Brasil a decretar o “*lock down*”, uma versão mais rígida do isolamento social por um período de 10 dias.

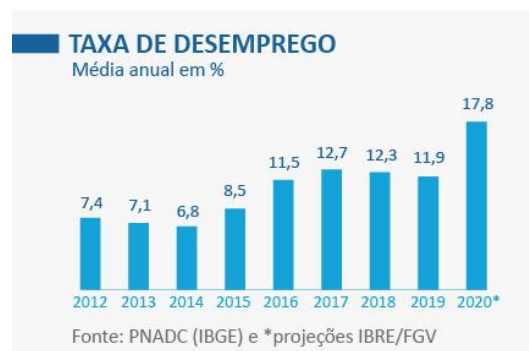
O **impacto econômico** no Nordeste tende a ser considerável. A consultoria 4E prevê queda de 3,4% no PIB da região. Enquanto para a Tendências, essa será a região mais afetada pela crise, com retração de 4,6%. A queda será puxada pelo desaquecimento na produção industrial dos setores de transportes e metalurgia. Além disso, a consultoria destaca o alto grau de informalidade nos empregos da região, que são profundamente afetados pelas medidas de isolamento social.

Assim como observado na região Norte, as exportações do Nordeste estão em alta. Os estados que mais contribuíram nesse aumento são Bahia, Maranhão e Pernambuco que, juntos, possuem 80% de participação das exportações do Nordeste.

ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

O mercado de trabalho: dados mais recentes sobre o desemprego no país ainda não são capazes de evidenciar os efeitos da crise desencadeada pela pandemia do novo coronavírus, já que as medidas para contê-lo e para amenizar seus efeitos sobre o mercado de trabalho passaram a ser tomadas em meados de março. Entretanto, a taxa de desemprego ficou em 12,2% no primeiro trimestre de 2020, crescimento de 1,3%. O que significa 1,2 milhão de pessoas a mais no trimestre móvel encerrado em março de 2020 em relação ao trimestre de outubro a dezembro de 2019, conforme dados da [PNAD Contínua](#). Projeções do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas ([IBRE/FGV](#)) apontam que em 2020, o indicador de desemprego saltará para 17,8%, aumento de 6 pontos percentuais em relação a 2019. Não obstante, observa ampliação do emprego informal e deterioração do rendimento dos trabalhadores, queda real de 8,58% em comparação a 2019. Isto é, a renda efetiva média será de R\$ 2.206 mensais, frente a R\$ 2.413 do ano anterior. Menor nível da série histórica iniciada em 2012. Uma das consequências da retração na renda é a diminuição do consumo pelas famílias.



Inadimplência e queda do ânimo do consumidor. Pesquisa realizada pela [Boa Vista SCPC](#) indicou que 80% das famílias pesquisadas fizeram revisão no seu orçamento para reduzir despesas após o início da pandemia. Entretanto, quase 60% delas só tem recursos para pagar as contas dos próximos 2 meses, sendo que outras 24% só para 3 meses. O principal compromisso financeiro dos entrevistados é o parcelamento de compras no cartão de crédito (49%) e financiamentos (27%). Os resultados indicam o aumento da inadimplência e da necessidade de financiamento por parte das famílias nos próximos meses, o que deve levar a uma ampla redução do consumo. Isso é corroborado também pelo resultado da pesquisa da FGV sobre o [Índice de Confiança do Consumidor \(ICC\)](#) de abril, que caiu 22 pontos em relação ao mês anterior para o menor nível da série iniciada em setembro de 2005 (58,2). O pessimismo é generalizado entre todas as classes de renda e recai especialmente sobre as expectativas em relação ao futuro, que despencou em abril.

TRANSFORMAÇÕES E TENDÊNCIAS

A crise trazida pela Covid-19 intensificou discussões que já vinham acontecendo no cenário organizacional. Nesse sentido, podemos refletir sobre algumas transformações e tendências, que surgem na esteira dessas discussões:

Liderança em tempos de crise. O contexto atual tem desafiado os líderes das instituições a realizarem muitas transformações com agilidade e flexibilidade para manterem seus negócios saudáveis. Segundo artigo da [Harvard Business Review](#), além de agir pensando no presente, é fundamental que

ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

os líderes pensem no futuro pós-crise e em todas as possíveis mudanças que ainda podem acontecer. Os especialistas recomendam que as lideranças reservem de 10 a 20% do tempo para imaginarem o futuro e projetar onde a instituição estará quando a crise passar. A orientação é concentrar os esforços em seu público final e suas possíveis exigências para que seu negócio continue relevante para estes. Eles reforçam também a importância do aprendizado constante e adaptação, assim como o envolvimento do time em torno dessa visão de futuro. Pensar e planejar o processo sucessório é mais uma das formas de garantir a continuidade dos negócios para além da pandemia.

Transformação digital e cultural nas instituições. A adoção de uma cultura mais digital traz muitas mudanças positivas para os negócios como melhores resultados, mais agilidade e controle das ações. Porém, requer acima de tudo uma mudança de *mindset* dos colaboradores e gestores. A tecnologia traz novas práticas e uma nova forma de pensar as coisas, impactando na cultura organizacional. A futurista [Blake Morgan](#) afirma que a transformação digital deve ser um processo contínuo e que os benefícios que surgem da criação de uma instituição com cultura digital, com visão de futuro e focada no cliente podem ser duradouros.

A transformação digital tem sido uma exigência dos novos tempos, mas ela só funcionará bem nas instituições se houver uma **transformação cultural**. Outro ponto importante a ser citado é que ela não acontece da noite para o dia. Artigo da [McKinsey](#) destaca a importância de uma cultura de experimentação, aprendizado e interação para lidar com este cenário de constantes mudanças. “Frequentemente fazemos coisas que nunca foram feitas antes. Por esse motivo, geralmente não há manual a ser ensinado nem especialistas a serem seguidos; portanto, capacitamos as pessoas a experimentar coisas novas e aprender ao longo do caminho” destaca Beth Galetti, vice-presidente sênior de RH da Amazon. O que reforça a importância de uma cultura organizacional aberta para o novo, para as transformações e para experimentações.

Saúde e Segurança no Trabalho: Enquanto o coronavírus se alastrava no país, várias empresas e cooperativas, em especial, as consideradas serviços essenciais ao enfrentamento da pandemia tiveram que mudar seus processos e protocolos de segurança afim de evitar o contágio da Covid-19, garantir os empregos e a atividade econômica necessária ao abastecimento do país. Um dos temas afetos a pandemia no momento é se o contágio pela covid-19 seria considerado doença ocupacional, em especial por aqueles trabalhadores de atividades essenciais. Em recente decisão, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a covid-19 como doença ocupacional. Desta forma, os trabalhadores de atividades essenciais que forem contaminados passam a estar integralmente amparados pelas normas previdenciárias e de proteção ao trabalhador, sem precisar comprovar que a infecção foi ocupacional, já que seria praticamente inviável evidenciar o exato momento da infecção e, se esta foi decorrente da atividade laboral.

Trabalho remoto tende a se manter após pandemia. Com o cenário de isolamento social, as empresas se viram obrigadas a reinventar sua forma de atuação para manter suas atividades. A

ANÁLISE ECONÔMICA

Cenários frente à pandemia da Covid-19

percepção da nova experiência foi positiva tanto para os empresários quanto para empregados, de forma que tende a se manter mesmo com o fim das medidas de distanciamento. É o que mostram duas pesquisas da Fundação Dom Cabral (FDC) divulgadas recentemente. A pesquisa com [empregados](#), feita em parceria com a Grant Thornton, mostrou que 54% dos entrevistados pretendem pedir para manter suas atividades de maneira remota após a pandemia. Ao que parece, os empregados avaliam que a efetividade do trabalho remoto supera as dificuldades de infraestrutura e tecnologia em casa e as preocupações a respeito de comunicação com seus superiores diretos, especialmente no que tange à avaliação do trabalho. A avaliação positiva também veio pelo lado [empresarial](#), pois em pesquisa com a Talenses, a FDC indica que mais de 70% das companhias entrevistadas pretendem manter o trabalho remoto de seus funcionários integralmente ou parcialmente. Com o isolamento, em média, 70% dos funcionários dessas empresas estão fazendo home-office. A realidade do home office impõe adaptações diferentes para cada setor, mas emergem daí novos modelos de gestão, reformulação de processos, novos protocolos de trabalho e de comunicação e colaboração entre colaboradores, sem contar com capacitações; o que reforça o modelo à distância como a principal escolha para educação nessa nova era.

Valorização dos *soft skills* no mercado de trabalho. Num mundo mais digitalizado, os empregos também serão reformulados. A escalada de substituição do homem pela máquina tende a ser bruscamente acelerada. Especialmente num país como o Brasil, ainda pouco digital. Mas isso pode abrir portas para novos cargos e novos formatos de negócio. O que já vinha sendo antecipado quando citávamos a indústria 4.0. A pandemia somente acelerou a revolução industrial em andamento. A nova ordem social valoriza cidadãos criativos, assim, a ciência ganha espaço, e, com ela, a criatividade. Num mundo de máquinas, o diferencial competitivo do ser humano são os chamados “*soft skills*” que serão como nunca o principal *gap* para aumentar a produtividade. É preciso pensar não só em novos formatos de educação, mas também em novos temas educacionais. Num cenário mais digital, certamente o que era importante não será mais.

Mensagem do Sistema OCB: Em um cenário de incertezas e tantas transformações é muito importante ter resiliência, inovar, confiar e trabalhar com parcerias. Nós do Sistema OCB estamos aqui junto com vocês para buscar novas soluções para os desafios do cooperativismo. Conte com a gente!

Link para versões anteriores:

[5ª Edição - Análise Econômica - Cenários Frente à pandemia da Covid-19](#)

[4ª Edição - Análise Econômica - Cenários Frente à pandemia da Covid-19](#)

[3ª Edição - Análise Econômica - Cenários Frente à pandemia da Covid-19](#)

[2ª Edição - Análise Econômica - Cenários Frente à pandemia da Covid-19](#)

[1ª Edição - Análise Econômica - Cenários Frente à pandemia da Covid-19](#)